

ESAÚ E JACÓ E MEMORIAL DE AIRES: A ABOLIÇÃO E A REPÚBLICA SOB O OLHAR MACHADIANO

Adriana da Costa Teles¹

RESUMO: Os romances finais de Machado de Assis, *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), são ambientados em um período que cobre a emancipação dos escravos e a transição do Império para a República no Brasil. Ambos os romances, apesar de apresentarem uma abordagem discreta sobre tais questões, deixam margem para que o leitor discuta índices interessantes a respeito desse período pela qual o país passava. O objetivo do presente artigo é discutir alguns aspectos da maneira pela qual Machado retrata esse momento delicado da história brasileira por meio de sua ficção.

PALAVRAS-CHAVE: *Esaú e Jacó*, *Memorial de Aires*, literatura e história.

ESAÚ E JACÓ AND MEMORIAL DE AIRES: ABOLITION AND THE REPUBLIC UNDER MACHADO'S EYES

ABSTRACT: Machado de Assis' last novels, *Esaú e Jacó* (1904) and *Memorial de Aires* (1908), take place years before its publication, in a period that covers the emancipation of the slaves and the transition from Empire to Republic in Brazil. Although they present a discreet discussion about these facts, both of them propitiate to the reader to notice interesting aspects of this Brazil in change. The aim of this article is to discuss some aspects of the way Machado portrays this delicate moment of Brazilian history by his fiction.

KEYWORDS: *Esaú e Jacó*, *Memorial de Aires*, literature and history.

¹ Adriana da Costa Teles é doutora em Teoria da Literatura pela UNESP/Ibilce de São José do Rio Preto, professora de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira da FAIMI (Mirassol) e da UNILAGO (São José do Rio Preto), e-mail: driteles@ig.com.br.

As obras finais de Machado de Assis, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, apesar de publicadas no início do século XX, 1904 e 1908, respectivamente, são ambientadas anos antes, ainda no século XIX. Os dois romances, que tem em comum a presença de Aires, compõem um conjunto interessante que, pelo período abordado, engloba um momento importante da história do Brasil: *Memorial de Aires* tem como cenário histórico predominantemente a emancipação dos escravos, o romance dos gêmeos, por sua vez, levemente toca na questão da abolição, para se focar no evento da República.

Como é próprio do estilo machadiano, tal representação não se faz de maneira óbvia, mas por meio de um discurso resvaladiço e retórico que oculta em suas veredas elementos a serem perscrutados pelo leitor interessado em tais questões. Em *Esau e Jacó*, a temática se mostra de maneira mais explícita, haja vista Pedro e Paulo, inimigos na vida pessoal e política, um com tendências para a República, outro para o Império. Além do conflito ideológico entre os irmãos, há a presença de alguns capítulos do romance que dão conta da questão. É o caso dos capítulos referentes às tabuletas, “Tabuleta velha” e “Pare no D” e “O golpe” e “Manhã de 15”, para citar alguns exemplos. Em *Memorial de Aires*, a questão aparece de maneira mais discreta por meio das anotações que o Conselheiro Aires faz em seu diário. Astuto observador, Aires registra discretamente a movimentação que circundou o evento. Tal descrição terá como elementos decisivos os relatos do Comendador Campos, as personagens Santa-Pia e Fidélia.

1. Literatura e história

A presença do viés histórico nos dois últimos romances machadianos chama a atenção do leitor que frequenta os textos do autor. Afinal, sabendo que nada se faz de maneira gratuita em sua ficção, tais índices nos convidam a olhar mais de perto para a maneira com que são tramados. O olhar que dispensamos à questão se faz inspirado pelo pensamento de Antônio Candido. O crítico brasileiro chama a atenção em *Literatura e Sociedade* (1985) para a importância de se fundir

(...) texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteadado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo (CANDIDO, 1985, p. 4).

Como se pode perceber, não se trata de adotar, aqui, um ponto de vista segundo a qual o externo explica e atribui valor à obra nem de tomar o texto como objeto cuja estrutura é completamente independente do universo exterior, mas sim de conceber texto e contexto como elementos necessários ao trabalho interpretativo.

Para Candido, “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (1985, p. 4). O que nos interessa é discutir de que forma a questão histórica é trabalhada esteticamente de maneira tal a ser um elemento produtor de significados no texto. A questão não é, portanto, a do contexto social enquanto veículo a conduzir a corrente criadora, fornecendo ambiente e costumes. É o que afirma Candido que, ao comentar o romance *Senhora*, aponta para a necessidade de fazer uma análise

em que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística estudado no nível explicativo e não ilustrativo (CANDIDO, 1985, p. 7).

Semelhante discussão requer que o leitor esteja atento não apenas às obliquidades do discurso machadiano, mas também às artimanhas de transposição de um universo ao outro, ou seja, do universo da realidade para o da representação. Na tentativa de entender um pouco mais as peculiaridades destes dois mundos, nos valem de algumas considerações de Maria Teresa Freitas. Em *Literatura e História* (1986), a autora nos mostra que, por meio da construção do texto literário, os elementos do contexto social

são redistribuídos no fictício, dando origem a um universo que é, até certo ponto, independente do universo social original de onde foram extraídos. Segundo ela,

ao criar uma história, com personagens e situações dramáticas, o autor tentará passar uma visão pessoal do universo – que não é de forma alguma cópia da realidade, mas sim interpretação dos acontecimentos relacionados à história –, através da qual chegará a uma realidade distinta daquela que a originou (FREITAS, 1986, p. 7).

O escritor, ao tecer sua ficção, reconstrói o mundo que o rodeia, dando origem a uma realidade outra, que é, ao mesmo tempo, independente da realidade do qual ele é parte, mas que com ela se relaciona de maneira intrínseca. O resultado é a configuração de uma nova versão do mundo objetivo, que não pode ser confundida com a realidade concreta. O valor artístico da obra estaria, segundo Freitas, justamente nesse processo de transfiguração artística que deforma o mundo exterior e produz uma realidade filtrada pelos anseios do escritor. Assim, estamos, no caso de *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, frente a um universo recém-concebido, que apresenta, embutido nas situações que traz, o simulacro de uma determinada época e uma maneira particular de representá-la e encará-la.

Para Hayden White, o escritor exerce o papel de uma espécie de cronista de seu tempo. Sobre tal questão, White afirma que tanto o escritor quanto o historiador têm como objetivo oferecer uma “imagem verbal da realidade” (1994, p. 138), mas ao romancista caberia o papel de oferecer uma perspectiva indireta, ou seja, por meio de técnicas figurativas. Mesmo que Machado não tenha o compromisso de uma representação factual, o período escolhido para ambientar seus dois últimos romances sugere seu vínculo com algum domínio da experiência humana, principalmente no que concerne aos fatos que caracterizam o período escolhido. A produção machadiana, oferecendo um retrato da vida burguesa do Rio de Janeiro do século XIX, oferece, ao mesmo tempo, um retrato indireto do contexto social que a circunda. Retratar a burguesia carioca, como se costuma dizer das obras de Machado, requer situá-la em um con-

texto social abrangente que, mesmo não sendo o foco do enredo, é parte inextirpável da vida social enfocada e cujo papel dentro do contexto burguês encontra-se latente nas situações e acontecimentos abordados.

Assim, personagens aparentemente isoladas de um contexto social totalizante mostram-se profundamente reveladoras do modo como funciona todo um sistema. *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*, narrativas que aparentemente se limitam a retratar uma classe social mais privilegiada dentro do contexto carioca de fins de século XIX, trazem à tona elementos de suma importância para a discussão de aspectos fundamentais de um Brasil de fins de século.

2. Um pouco de Brasil sob a ótica machadiana

Os eventos históricos presentes em *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*, sérios, devidos à sua própria natureza, surgem imiscuídos a eventos de menor importância e valor, inseridos na vida cotidiana das personagens. Tal recurso composicional provoca um efeito interessante. Ao mesmo tempo em que insere o tema de maneira despretensiosa e casual, livrando o autor de um compromisso de representação factual e, portanto, deixando a obra mais livre de expectativas e aberta a significações várias, proporciona ao leitor observar os eventos a partir de uma ótica no mínimo curiosa, de um ponto de vista, diríamos, interno à narração. Por meio de tal recurso, o leitor passa a compartilhar do aspecto cotidiano do evento, observando os fatos próximo às personagens e a partir do dia-a-dia vivenciado por elas em meio a tais acontecimentos.

A título de exemplificação, citamos *Esaú e Jacó* e uma curiosa passagem que retomaremos ao longo de nossa discussão. A aproximação da República é trazida para o leitor, no referido romance, dentre outros fatos, pelo episódio das tabuletas. Custódio, dono de uma confeitaria conhecida e tradicional, a “Confeitaria do Império”, decide pintar a tabuleta do estabelecimento, substituindo a placa velha e desbotada por uma nova e recém pintada. No entanto, os boatos da “revolução” e da mudança do regime o colocam em polvorosa, afinal, o investimento era grande e o risco de

uma represália dos republicanos poderia lhe render prejuízos como a quebra das vidraças e a própria destruição da tabuleta. Isso faz com que mande um recado urgente ao pintor: “pare no d”. Dessa maneira, Custódio poderia aproveitar o início da pintura, pois, caso o advento da República se concretizasse, o fim estaria inevitavelmente perdido. No entanto, o pintor já havia finalizado o trabalho e não queria “despintar tudo” como lhe pede Custódio, a menos que este lhe pagasse a despesa, o que causa profundo aborrecimento ao confeitoiro e o leva a pedir auxílio a Aires. Este, na tentativa de ajudá-lo, sugere que mude o nome da confeitaria para “Confeitaria da República”.

A passagem, que resumidamente apresentamos, aparece ao longo de alguns capítulos da obra e ilustra algumas questões importantes sobre o envolvimento das personagens com o evento iminente. De forma caricata, nos é mostrado que as pessoas não estavam propriamente preocupadas com a mudança que se aproximava, pelo menos, não preocupadas com os possíveis rumos que tomaria o país, mas voltadas para suas preocupações particulares e interesses próprios. O acontecimento sério, que, a princípio, iria abalar a estrutura de governo do país, aparece banalizado em meio às preocupações do confeitoiro, que, indignado e desolado, reflete: “E afinal que tinha ele com a política? Era um simples fabricante de doces, estimado, afreguesado, respeitado, e principalmente respeitador da ordem pública” (*EJ*, 2003, p.137).

A mistura do sério com o banal é curiosa. Aliás, diríamos que é aí que o discurso machadiano se faz certo e significativo. Mais do que assumir uma causa, a da representação histórica, ou criar um efeito de verossimilhança para seu romance, com um cenário que se apóia em fatos conhecidos da então recente história brasileira, a opção pelo sério em meio ao comezinho parece, em última instância, sugerir a existência de certa distância entre o cidadão comum e os fatos decisivos pela qual passava o país. O advento da República parece afetar a personagem não porque alterará a forma de governo do país do qual é parte, mas por mexer com seu negócio e, principalmente, pela possibilidade de lhe causar prejuízos financeiros. A opção ideológica, se a favor

do Império ou da República, ou mesmo a troca de regime, parece pouco importar: “que tinha ele com a política”?

Ismael Ângelo Cintra afirma em “Discursos entrecruzados: história e representação em *Esau e Jacó*”, artigo publicado pela revista *Linha d’água* em 1990, que

a visita de Custódio, (...), tematiza o envolvimento periférico das pessoas com o fato maior da política nacional. Tematização alegórica, evidentemente. Através da figura quase caricata do comerciante às voltas com a tabuleta velha e podre de sua confeitaria, imprópria para a tinta nova e para novos letreiros (...), o texto permite perceber ironicamente, o tipo de interesse que a mudança de regime desperta (CINTRA, p. 27, 1990).

O pouco envolvimento do cidadão comum com questões maiores do país parece ser reiterado em *Esau e Jacó*. Assim como Custódio, outras personagens parecem mais preocupadas com questões particulares do que com aspectos que concernem o todo da nação. É o caso de Santos, por exemplo. Pertencente a uma classe social mais privilegiada, Santos, ao tomar conhecimento de que a república se aproxima, preocupa-se com o funcionamento do sistema financeiro que rege a nação. Fica claro, no entanto, que sua preocupação não é com uma possível crise social, mas com os prejuízos que poderia ter caso algo assim ocorresse. Ao narrar as preocupações de Santos, o narrador afirma que “todo ele parecia entregue ao presente, ao momento, ao comércio fechado, aos bancos sem operações, ao receio de uma suspensão total de negócios, durante prazo indeterminado” (*EJ*, 2003, p. 142). Os Batistas, por sua vez, mal controlam a ansiedade: “nenhum deles podia crer que as instituições tivessem caído, outras nascido, tudo mudado” (*EJ*, 2003, p. 150). Estes, que haviam comemorado a presidência de uma província na noite de 14, percebiam, estupefatos, que o sonho de ascensão política e social estava extinto ou, pelo menos, bastante comprometido.

É pertinente chamar a atenção, também, para a maneira como as pessoas tomam conhecimento do advento da República em *Esau e Jacó*. As primeiras informações chegam para as pessoas de maneira incerta e parcial. Aires, por exemplo,

toma conhecimento do fato por meio de um discurso elíptico e fragmentário. O Conselheiro, de manhã no Passeio Público, percebe certa agitação e ouve conversas que mencionam “*Deodoro, batalhões, campo, ministério, etc*” (EJ, 2003, p.132, grifos do autor). No entanto, tais informações não fornecem dados precisos ou confiáveis ao Conselheiro, que não consegue saber com exatidão o que estava ocorrendo.

Na volta para casa, o cocheiro que leva Aires confirma a chegada da República e afirma ter levado um passageiro estranho que “*tinha sangue nos dedos*” (EJ, 2003, p.133). No entanto, inseguro com o que teria visto, o cocheiro recua: “*Mas reparei e vi que era barro*” (EJ, 2003, p.133) e logo depois conclui: “*pensando bem, creio que era sangue*” (EJ, 2003, p.133). Além de traçar diálogo com um discurso absolutizador, enfatizando por meio do ponto de vista adotado o quão incerto e ambíguo podem ser os fatos (e tocando em questões relativas à representação, caras às correntes estéticas predominantes no período), tais passagens mostram o tipo de envolvimento e engajamento que se tinha com tais questões. A República parece muito distante não apenas do povo, representado aí pelo cocheiro, mas também de certa elite, Aires, por exemplo, o que torna o fato envolto em mistérios e boatos. O que, em princípio, deveria fortalecer e envolver os membros da nação, provoca especulações e os colocam como espectadores da situação.

O envolvimento periférico das pessoas com os fatos de seu tempo pode ser visto também em *Memorial de Aires*. A última obra machadiana, que tem como discreto cenário a emancipação dos escravos, apresenta uma sociedade que mostra um individualismo latente. *Memorial*, como sabemos, é um romance escrito em forma de diário pelo Conselheiro Aires, que registra em seus apontamentos fatos e impressões que presencia em seu dia-a-dia. Apesar de os acontecimentos trazidos pelo suposto diário se ambientarem entre janeiro de 1888 e agosto de 1889, cobrindo, portanto, o evento da abolição, há, curiosamente, uma ausência quase que total de alusão ao evento da emancipação por parte dos personagens. Os fatos referentes à abolição presentes no diário de Aires provêm de informações que lhe são fornecidas pelo Comendador Campos, irmão de Santa-Pia, um fazen-

deiro escravista. O núcleo central de personagens, pequenos burgueses cariocas, amigos de Aires e muito presentes em seu memorial, sequer comenta a questão. Eis aí um índice curioso. O fato de o acontecimento passar despercebido pelo grupo, ao contrário do que ocorre com o advento da república em *Esau e Jacó*, se dá talvez devido a pouca interferência que produz na vida dessas pessoas. Ao contrário do que ocorre em *Esau e Jacó*, em *Memorial* as personagens não se vêem ameaçadas pela mudança iminente.

Há, a esse respeito, uma passagem curiosa de *Memorial de Aires*, que merece ser mencionada. Trata-se da entrada de 14 de maio, meia-noite. Nela, o Conselheiro narra uma visita feita à casa dos Aguiar na noite de 13 de maio, dia da emancipação dos escravos. Aires narra que ao chegar à casa dos Aguiar encontrou algumas pessoas e bastante animação. A alegria de todos o leva a felicitá-los pelo acontecimento do dia, a abolição. A resposta que obtém, no entanto, o espanta: “Já sabia?”. Não entendendo a situação, Aires aguarda algum comentário que o esclareça, o que logo acontece. A felicidade geral era devida a uma carta recém chegada da Europa em que o afilhado do casal, Tristão, mandava notícias depois de muitos anos. A ironia presente no texto é clara. A felicidade que o Conselheiro vê nos presentes e atribui ao “grande acontecimento do dia”, a emancipação dos escravos, estava equivocada. A alegria e a comemoração na casa dos amigos não se deviam à abolição e sim a uma carta recém-recebida da Europa. Assim, ganha sentido a irônica e sugestiva reflexão com que Aires abre suas anotações de 14 de maio de 1888 para descrever sua visita à casa de Aguiar na mesma noite: “não há alegria pública que valha uma boa alegria particular” (MA, 2003, p. 281). O evento da abolição parece não figurar entre as preocupações dos amigos de Aires, sendo facilmente substituído por eventos particulares que se instalam e roubam a cena sem constrangimento. Novamente temos a ironia do narrador que sutilmente nos aponta uma sociedade segmentada que se aliena dos acontecimentos decisivos de sua história em virtude de um universo particular predominante.

Cabe aqui citar algumas interessantes observações que Dirce Riedel faz em seu artigo “Omissão ou participação?”

O negro na obra de Machado de Assis: Aires e o seu *Memorial*⁷, publicado em 1983, pela revista *Caleidoscópio*. Segundo a autora, Machado cria um narrador que observava a sociedade pela ótica da alta e média burguesia carioca. No entanto, o narrador machadiano conhece os problemas sociais que essa classe social muitas vezes procurava ignorar. Segundo a estudiosa, o texto de Machado é tecido a partir de paradoxos que se estabelecem nas relações entre personagens omissos, que se calam frente ao que vêem. O arranjo dos fatos, as opiniões que as personagens exprimem ou as conclusões que tiram expressam somente um retrato do comportamento da sociedade, mais especificamente a classe média e alta burguesia, frente a esse e outros problemas sociais.

Um dado que não pode escapar da percepção do leitor é que o país retratado em *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires* mostra-se em um período de mudanças: a nova condição dos negros, o novo regime. No entanto, essa mudança parece ser problematizada. A grande questão que parece ser colocada é: as mudanças representariam, de fato, transformações políticas e sociais?

Em *Esaú e Jacó*, Santos, além de se preocupar com a harmonia do funcionamento do sistema financeiro do país, mostra-se preocupado, também, com uma possível “revolução”. Segundo o narrador, “Santos receava os fuzilamentos, por exemplo, se fuzilassem o imperador, e com ele as pessoas de sociedade? Recordou que o Terror...” (*EJ*, 2003, p. 142). Parece óbvio que a preocupação da personagem é com uma possível investida contra as elites, da qual é membro. Parte do grupo das “pessoas da sociedade”, Santos imagina as conseqüências de uma revolução nos moldes de outras já ocorridas em lugares diversos... . No entanto, é curioso o comentário que Aires faz em seguida. Procurando acalmar Santos, Aires tira-lhe o “terror da cabeça. (...). Depois lembrou a índole branda do povo. O povo mudaria de governo, sem tocar nas pessoas” (*EJ*, 2003, p. 142).

A índole branda do povo parece apontar para uma mudança de regime diferente do que geralmente ocorre em outros lugares. A alusão ao “Terror” remete o leitor à idéia de uma revolução nos moldes de outras que, de maneira

violenta e determinada, depuseram regimes e deram início a um novo contorno político e social de seus países. Diferença crucial para com o país delineado em *Esau e Jacó*, onde a índole pacífica do povo mudaria de governo sem tocar nas elites e em quem se encontra de fato no poder.

Para além de uma mera observação, Aires parece assinalar um país que passa por um período de mudanças, mas com poucas alterações. É o que percebemos por meio de outros comentários desferidos pela personagem ao longo desses capítulos que lidam de maneira mais direta com o evento da República. Sobre a mudança de regime, o narrador assinala:

Aires quis aquietar-lhe o coração. Nada se mudaria; o régimen sim, era possível, mas também se muda de roupa sem mudar de pele. Comércio é preciso. Os bancos são indispensáveis. No sábado, ou quando muito na segunda-feira, tudo voltaria ao que era na véspera, menos a Constituição (*EJ*, 2003, p. 141).

A passagem citada deixa entrever que a mudança que Aires vê próxima é mais aparente do que propriamente real. A afirmação de que se muda de roupa sem trocar de pele, revela uma alteração exterior e não propriamente na estrutura do que está para ser mudado. É bastante irônica a afirmação de que dali a poucos dias tudo voltaria ao que era de véspera, menos a Constituição. Ora, mas não é a Constituição que regula a vida do indivíduo em sociedade? Se ela se transforma, tudo o mais não deveria mudar também?

É neste contexto que retomamos a questão das tabuletas, já discutidas anteriormente. Estas parecem ilustrar de maneira alegórica a mudança que tomava lugar no país, naquele momento. A troca de tabuletas, uma velha e podre, por uma nova e recém pintada poderia ilustrar uma mudança semelhante a que ocorre no regime: uma troca de tabuletas. Em uma, velha, desbotada e comida pelos bichos, escreve-se “Império” e, em outra, nova e recém pintada, escreve-se “República”. Mas, enfim, tudo não passaria de inscrições em tabuletas?

Outro fato pode ser posto em paralelo a este ocorre em *Memorial de Aires*. Santa-Pia, fazendeiro de escravos, decide antecipar o ato da regente e emancipar os seus cativos antes que ela o faça. Segundo ele, para deixar “provado que julgo o ato do governo uma expoliação, por intervir no exercício de um direito que só pertence ao proprietário, e do qual uso com perda minha, porque assim o quero e posso” (MA, 2003, p. 277). A queda de braço entre o fazendeiro e a regente o leva a tomar a decisão. Após a assinatura da alforria, Santa Pia afirma: “Estou certo que poucos deles deixarão a fazenda; a maior parte ficará comigo, ganhando o salário que lhes vou marcar, e alguns até sem nada – pelo gosto de morrer onde nasceram” (MA, 2003, p. 278).

A certeza de Santa-Pia de que, mesmo alforriados, os escravos não abandonariam as terras em que viviam, aceitando trabalhar por qualquer salário ou mesmo de graça, evidencia o quão precária era a situação dos negros naquele momento no Brasil e o quão ilusória era a abolição. É bastante duvidosa a razão que o fazendeiro dá para a suposta permanência dos negros em sua fazenda – “pelo gosto de morrer onde nasceram”. Não seria pela falta de alternativas e oportunidades que estes homens e mulheres careciam na época? Não é possível lermos a justificativa do Barão senão como reflexo de uma ironia do narrador, com seu intuito desmascarador? Afinal, o apego telúrico ou nacionalista (o gosto de morrer em sua pátria) só pode soar como absurdo.

O fazendeiro sabe que dificilmente algo vai mudar na estrutura social ou nas relações que tem para com os (ex) escravos. Estes, mesmo livres, continuarão presos à sua condição de trabalhadores rurais e à falta de oportunidades, não tendo alternativa outra a não ser continuar exatamente como antes, somente ostentando, agora, uma liberdade que é muito mais fictícia do que real.

3. O esboço de uma transição?

Apesar de nem sempre se fazer óbvia ao leitor apressado, a referência à história nos romances finais de Machado de Assis se faz marcante, revelando um viés de leitura denso e

complexo. A linguagem machadiana, resvaladiça e retórica, aparece em suas duas últimas obras pronta para desestabilizar, des-costurar o discurso histórico. É claro que se trata de uma ficção, no entanto, a maneira com que Machado pinta o Brasil de fins de século XIX serve, no mínimo, para que o leitor reavalie e releia o discurso histórico. Concorramos com Cintra quando afirma que,

ao estabelecer uma interlocução crítica, em alusões nem sempre disfarçadas, (...), Machado certamente tem em mira liquidar vãs e ingênuas pretensões veristas de trazer para o âmbito da literatura a própria realidade, una, inteira, pura, exposta à contemplação tranqüila e passiva do leitor (CINTRA, 1990, p.30).

Como vimos, o leitor é convidado a refletir criticamente a respeito do período enfocado nos romances e a perceber certa dinâmica social que pode ser posta em paralelo ao momento histórico vivido pelo país cerca de duas décadas antes da escritura dos romances. É como se tal dinâmica colocasse movimento na História, mostrando os “bastidores” da “revolução” e da abolição, rompendo, assim, com um discurso que se quer pronto e a espera de um leitor passivo e estático.

Esau e Jacó e *Memorial de Aires* deixam ver uma sociedade em um período de mudanças, a emancipação dos escravos, a mudança de regime. No entanto, em meio a essas mudanças, pouco parece se alterar de fato: os escravos libertos continuariam a viver dependentes de uma estrutura que os exclui; o regime muda, mas pouco altera o país. Delineia-se, ainda, uma sociedade que se aliena de momentos decisivos de sua história. Carente de unidade e segmentada, cada grupo, cada indivíduo parece pouco se importar com o destino do todo ou com a configuração de uma nação de fato. O Brasil pintado por Machado em seus dois últimos romances parece ser um aglomerado de grupos distintos, sem comunicação entre si, isolados em seus interesses próprios, alienados em sua própria realidade e desinteressados em construir uma nação.

Referências

CINTRA, I. Â. Discursos entrecruzados: história e representação em Esaú e Jacó. Revista **Linha D'água**. São Paulo, pp. 24-31, 1990.

MACHADO DE ASSIS, J. M. **Memorial de Aires**. São Paulo: Nova Cultura, 2003.

_____. **Esaú e Jacó**. São Paulo: Nova Cultura, 2003.

FREITAS, M. T. **Literatura e História: o romance revolucionário de André Malraux**. São Paulo: Atual, 1986.

RIEDEL, D. C. Omissão ou participação? O negro na obra de Machado de Assis: Aires e o seu *Memorial*. Revista **Caleidoscópio**, São Gonçalo, n. 3, p. 7-17, 1983.

WHITE, H. **Trópicos do discurso**. São Paulo: Edusp, 1994.

Recebido em 20/10/2009

Aceito em 20/11/2009